v.4, n.7, 2024



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

FALAR DO OUTRO SEM FALAR AO OUTRO: ANÁLISE DO EUROCENTRISMO NA COLONIZAÇÃO ESPANHOLA DA AMÉRICA A PARTIR DA VIDA E DA OBRA DE BARTOLOMEU DE LAS CASAS

SPEAKING OF THE OTHER WITHOUT SPEAKING TO THE OTHER: NA ANALYSIS OF EUROCENTRISM IN SPANISH COLONIZATION OF AMERICA FROM THE LIFE AND WORK OF BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

HABLAR DEL OUTRO SIN HABLAR AL OUTRO: UN ANÁLISIS DEL EUROCENTRISMO EM LA COLONIZACIÓN ESPAÑOLA A PARTIR DE LA VIDA Y OBRA DE BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

Letícia Pereira de Lima[1]

e47198
https://doi.org/10.63026/acertte.v4i7.198

PUBLICADO: 09/2024

RESUMO
Este artigo tem o objetivo de analisar o eurocentrismo na colonização espanhola da América a partir das ideias do frade espanhol Bartolomeu de Las Casas, conhecido como “defensor dos indígenas”. Procura-se entender se o engajamento de Las Casas em favor dos nativos era limitado à superficialidade do esforço cristalizador e em que grau estava impregnado de ideias etnocêntricas próprias de sua realidade social e histórica. Para tanto, realiza-se uma revisão bibliográfica, tendo-se como fontes de pesquisa as obras de Enrique Dussel (1993), Tzvetan Todorov (1982) e Hector Bruit (1993) para uma compreensão dos fundamentos, aspectos, argumentos e manifestações do eurocentrismo na colonização espanhola. O desenvolvimento do trabalho está organizado em quatro partes: na primeira parte, estudam-se os fundamentos do eurocentrismo pela centralização da Europa na história mundial; na segunda parte, analisa-se a construção do discurso de Las Casas tendo em vista seus objetivos políticos; na terceira parte, comparam-se os argumentos de Las Casas e de Gines de Sepúlveda no debate de Valladolid; a quarta parte é dedicada às mudanças tardias do pensamento lascasiano e suas perspectivas sobre o futuro da América enquanto constituída sobre as violências perpetradas pelos espanhóis contra os indígenas, estabelecendo-se um breve diálogo com o sistema-mundo conforme conceituado por Ramón Grosfoguel (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Eurocentrismo. Colonização espanhola. América espanhola. Indígenas. Cristianismo.

ABSTRACT
This article examines Eurocentrism in Spanish colonization of the Americas through the lens of the Spanish friar Bartolomé de Las Casas, renowned as the "defender of the Indians." It seeks to understand whether Las Casas' engagement on behalf of the indigenous peoples was limited to the superficiality of a civilizing endeavor and to what extent it was permeated by ethnocentric ideas inherent in his own social and historical reality. To this end, a bibliographical review is conducted based on the works of Enrique Dussel (1993), Tzvetan Todorov (1982), and Hector Bruit (1993) to provide a comprehensive understanding of the foundations, aspects, arguments, and manifestations of Eurocentrism in Spanish colonization. The paper's development is organized into three parts: the first part explores arguments of superiority present in Eurocentrism by devaluing America and centralizing Europe in world history; the second part analyzes the construction of Las Casas' discourse in light of his political objectives; the third part examines the arguments of Las Casas and Ginés de Sepúlveda in the Valladolid debate; the fourth part delves into the late changes in Las Casas' thought and his perspectives on the future of America shaped by the violence perpetrated by the Spanish against the indigenous peoples, establishing a brief dialogue with the world-system as conceptualized by Ramón Grosfoguel (2008).

KEYWORDS: *Eurocentrism. Spanish colonization. Spanish America. indigenous peoples. Christianity.*

[1] Graduanda do sétimo semestre do Curso de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

RESUMEN
Este artículo tiene como objetivo analizar el eurocentrismo en la colonización española de América a partir de las ideas del fraile español Bartolomé de las Casas, conocido como "defensor de los indígenas". Se busca comprender si el compromiso de Las Casas en favor de los nativos era limitado a la superficialidad del esfuerzo cristalizador y en qué grado estaba impregnado de ideas etnocéntricas propias de su realidad social e histórica. Para ello, se realiza una revisión bibliográfica, teniendo como fuentes de investigación las obras de Enrique Dussel (1993), Tzvetan Todorov (1982) y Héctor Bruit (1993) para una comprensión de los fundamentos, aspectos, argumentos y manifestaciones del eurocentrismo en la colonización española. El desarrollo del trabajo está organizado en cuatro partes: en la primera parte, se estudian los fundamentos del eurocentrismo por la centralización de Europa en la historia mundial; en la segunda parte, se analiza la construcción del discurso de Las Casas teniendo en vista sus objetivos políticos; en la tercera parte, se comparan los argumentos de Las Casas y de Ginés de Sepúlveda en el debate de Valladolid; la cuarta parte está dedicada a los cambios tardíos del pensamiento lascasiano y sus perspectivas sobre el futuro de América mientras constituida sobre las violencias perpetradas por los españoles contra los indígenas, estableciéndose un breve diálogo con el sistema-mundo conforme conceptualizado por Ramón Grosfoguel (2008).

PALABRAS-CLAVE*: Eurocentrismo. Colonización española. América española. Indígenas. Cristianismo.*

1 INTRODUÇÃO

Nascido em Sevilha em 1484, Bartolomeu de Las Casas tem o primeiro contato com um grupo de indígenas ainda criança e recebe um escravo indígena de seu pai quando adolescente. Em 1502, viaja pela primeira vez ao Novo Mundo na expedição de Nicolás de Ovando. Recebe *encomiendas*[2] por seus serviços prestados junto à expedição e, comovido pelo sofrimento dos indígenas, renuncia a elas quando decide se juntar a missionários dominicanos, engajados na defesa dos nativos.

Entre 1520 e 1521, a seu pedido, recebe do rei espanhol Carlos V uma porção de terra na atual costa venezuelana para conduzir um projeto de colonização pacífica, que fracassa em razão da hostilidade dos indígenas.

Em 1536, logra estabelecer uma comunidade pacífica na região de Tuzulutlan (atual Nicarágua), que há anos vinha sendo controlada pelas armas e que, após a intervenção do frei, foi pacificada somente com a ajuda de clérigos conhecedores das línguas nativas, sem o uso de soldados.

Em 1542, apresenta a Carlos V um manuscrito de "Brevíssima relação da destruição das Índias", obra em que denuncia de forma explícita as violências praticadas pelos espanhóis contra os indígenas. Em 1543, conquista a promulgação das chamadas *Leyes Nuevas*, que proibiam a prática da *encomienda*. As leis foram extintas três anos depois face aos intensos protestos dos colonos espanhóis no México e no Peru.

Em 1550, discute com o cronista Ginés de Sepúlveda contra a guerra justa na América no debate de Valladolid. Em 1552, escreve "Apologética História Sumária", em que estuda aspectos das culturas indígenas, comparando-os com as culturas ocidentais.

[2] A *ecomienda* era um "sistema pelo qual os índios eram distribuídos entre os colonos, os quais podiam exercer sobre eles direitos quase vitalícios, embora não fossem de fato oficialmente escravos." (BETHELL, 1997, p. 523).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Morre em 1566 tendo dedicado cinco décadas de sua vida à causa dos povos originários da América Espanhola.

Este artigo tem como objetivo investigar os aspectos do eurocentrismo na perspectiva espanhola, com base nas experiências e escritos de Bartolomeu de Las Casas sobre a colonização espanhola na América. O propósito geral é analisar como o eurocentrismo se manifestou nos discursos de Las Casas. Especificamente, pretende-se examinar como ele se aproximou ou se distanciou de seus contemporâneos, como Cristóvão Colombo, Hernán Cortés e Ginés de Sepúlveda, na construção de sua visão sobre os povos nativos.

Ramón Menéndez-Pidal (1964, p. 15) reúne posições controversas acerca do frei, que por alguns estudiosos é exaltado por suas ações em favor dos indígenas e que, por outros, é acusado de "louco" que teria difamado a Espanha com suas críticas contundentes à colonização, dando forma à *leyenda negra*[3], não raras vezes sendo acusado de ter incentivado a substituição do trabalho compulsório indígena pela escravidão negra. O fato de que suas obras continuam a ser objeto de controvérsia entre estudiosos serviu de justificativa acadêmica para a tentativa de conduzir um estudo aprofundado, ainda que breve, das sutilezas do discurso de Las Casas, buscando-se nas fontes de pesquisa evidências que dessem sustentação aos posicionamentos anteriormente apresentados, intencionando-se chegar a um entendimento abrangente do objeto de pesquisa.

As reflexões de Anibal Quijano (2005) sobre a colonialidade do poder e seus efeitos nocivos à América Latina do século XXI serviram de justificativa social para o esforço de problematizar o eurocentrismo espanhol como elemento perturbador do "Novo Mundo" que se descortinava no século XVI, tendo implicações até a atualidade. Quijano identifica o Estado-nação como produto e estrutura de poder; na América Latina, por séculos, o poder foi apropriado pelos brancos europeus, que priorizaram interesses diametralmente antagônicos aos dos povos indígenas, massacrados e marginalizados nas estruturas sociais e políticas. Tal marginalização violenta tornou difícil, senão impossível, a formação de Estados-nacionais latino-americanos genuínos, com pleno exercício da cidadania e da representação política. Como se verá no decurso deste artigo, Las Casas já antevia a longo prazo os efeitos nocivos da violenta colonização espanhola sobre as sociedades que se formavam.

Foram utilizadas como fontes de pesquisa os livros de Enrique Dussel (1993), Tzvetan Todorov (1982) e a tese de livre docência de Hector Bruit (1993).

Dussel (1993) entende que o encobrimento do Outro foi a prática eurocêntrica espanhola de ver nos nativos o estado imperfeito e incompleto dos próprios europeus a partir do pressuposto de que a Europa é o centro da história mundial. Dessas concepções seguem- se os processos de invenção, descobrimento, conquista e colonização. Primeiro, inventou-se o ser asiático ("índio") na crença de Colombo de ter chegado às Índias, passando-se à pretensão descobridora de Américo Vespúcio,

[3] Segundo Las Casas (apud Hoyos, 2006, p. 25), essa caracterização da obra lascasiana se popularizou pela ênfase que o frei conferiu em seus escritos às violências praticadas pelos espanhóis contra os indígenas, como massacres e empalamentos.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

seguida da concretização da vontade de poder na conquista e na colonização, que destruiu por meios violentos as culturas nativas para dar concretude aos objetivos políticos, econômicos e religiosos da Espanha na América.

Todorov (1982), analisa a maneira como o conhecer o Outro é instrumentalizado pelos espanhóis como elemento de conquista, estratégia importante para as ações de Cortés no México, que se difere dos meios pacíficos utilizados por Las Casas em sua tentativa de compreender os indígenas e de aproximá-los dos espanhóis enquanto seres humanos, embora o frei também manifeste o eurocentrismo em seus escritos.

Dando centralidade à teoria política de Las Casas sobre a América, Bruit (1993) argumenta que o domínico antecipou em quase dois séculos os entendimentos sobre soberania popular, função administrativa do soberano e consenso da maioria, com a singularidade de estendê-los às relações entre o Império espanhol e os impérios indígenas, entre os quais propunha que se estabelecesse uma federação baseada no consenso dos nativos. Dedica-se também à análise das estratégias do frade em sua representação dos indígenas e as consequências do eurocentrismo e do desconhecimento espanhol sobre as culturas nativas para a desarticulação das sociedades que se formavam nas colônias, processo que denomina “simulação dos vencidos”.

A pesquisa foi conduzida a partir dos conceitos de cultura, etnocentrismo, colonização e ideologia. Portanto, adota-se neste artigo o entendimento que a cultura consiste em práticas e padrões de comportamento e de pensamento nos quais os indivíduos baseiam as suas ações (LARAIA, 2009, p. 46), bem como a ideia que “cada elemento cultural só pode ser compreendido no interior do sistema de que faz parte” (LARAIA, 2009, p. 54), sendo o etnocentrismo uma “visão de mundo em que o próprio grupo é o centro de todas as coisas.” (SCHADEN, 1946, p. 270).

Seguiu-se a divisão do conceito de colonização como proposto por Dussel (1993, p. 38), para quem a colonização se divide entre a conquista militar e a “colonização do mundo da vida”, essa última “uma práxis, pedagógica, cultural, política, econômica, do domínio dos corpos pelo machismo, da cultura, de tipos de trabalho, de instituições criadas por uma nova burocracia política.”

Por fim, tomou-se o conceito de ideologia como “uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica” (FERNANDES, 2005, p.19). A pesquisa concentra-se no problema da contradição entre a defesa que Bartolomeu de Las Casas fazia dos indígenas contra os espanhóis e o eurocentrismo de seu próprio projeto cristianizador para a América espanhola.

2 MÉTODO

Conduziu-se uma pesquisa de revisão bibliográfica conforme as etapas elencadas por Moreira (2004): 1. Seleção do tema e definição de metas; 2. Pesquisa de fontes e referências; 3. Análise preliminar das fontes e das referências; 4. Criação e aplicação de um guia de leitura; 5. Estruturação das informações; 6. Análise crítica dos resultados; 7. Síntese final.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Procedeu-se pelo método hipotético-dedutivo conforme as etapas definidas por Popper (apud LAKATOS e MARCONI, 2017, p. 102). Primeiramente, reuniram-se conhecimentos prévios acerca do pensamento lascasiano a partir do levantamento bibliográfico preliminar, no qual se identificou o problema da contradição entre a defesa que fazia dos indígenas e o etnocentrismo de seu projeto cristianizador; passando-se ao levantamento da hipótese de que sua ocupação religiosa teria sido determinante de sua postura etnocêntrica (e, por consequência, da superficialidade de seu engajamento na defesa dos indígenas), considerando-se os manifestos interesses da Igreja Católica na colonização, por fim tentando-se, à luz das fontes de pesquisa, falsear ou corroborar essa hipótese (ROCHA, 1988).

3 A EUROPA NO CENTRO DO MUNDO

A análise dos escritos de Bartolomeu de Las Casas deve ter como pressuposto o entendimento de que o sujeito discursivo é dotado de concepções que devem ser entendidas dentro do contexto social, político e histórico em que se insere (FERNANDES, 2021), no caso, o processo de expansão ultramarina de uma Espanha essencialmente cristã que combinava objetivos econômicos e religiosos.

> A conquista militar e política chegou em primeiro lugar, seguindo-se depois a conquista espiritual. Tanto a Igreja quanto o Estado tinham necessidade dos serviços que se prestavam mutuamente. A Igreja Católica conferia legitimidade às conquistas por meio das bulas papais, que estabeleciam as diretrizes dos esforços de evangelização nas Américas. Em troca, os monarcas católicos tinham a função de promover a conversão religiosa dos nativos. (BETHELL,1997, p. 524).

E Las Casas se mostrou consciente e crítico dessa complementaridade ao arguir que “todas as coisas obedecem ao dinheiro e os indígenas evangelizados são instrumentos para alcançar o ouro”. (LAS CASAS, apud BRUIT, 1993, p. 82).

O projeto colonizador espanhol foi construído à luz da crença de que a Europa era o centro da história mundial a partir dos quais se realizariam empreendimento nas áreas “imperfeitas” então encontradas, que são encobertas como a potencialidade do vir a ser concretizado pelos espanhóis, de modo que “a América não é descoberta como algo que resiste distinta, como o Outro, mas como a matéria onde é projetado o si mesmo; não é o ‘aparecimento do Outro’, mas a projeção do si mesmo: encobrimento” (DUSSEL, 1993, p. 40). O encobrimento, constitutivo do eurocentrismo, corresponde à aplicação de valores europeus no processo de avaliação e julgamento das outras formas de existência com as quais se toma contato, pois ao grupo que assume a visão etnocêntrica, “os valores elaborados e aceitos pelo grupo se afiguram ao indivíduo necessariamente como os mais elevados.” (SCHADEN, 1946, p. 15).

Bartolomeu de Las Casas (1969, p. 150) se utiliza das teorias de Aristóteles, segundo às quais as sociedades temporalmente perfeitas são divididas em seis classes de cidadãos, a saber, lavradores, artesãos, guerreiros, homens-ricos, juízes, sacerdotes e governantes, para validar a capacidade racional dos indígenas como que certo de que são os referenciais europeus que validam



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

as existências culturais ameríndias, utilizando-se da "identificação de seus próprios valores com os valores em geral, de seu eu com o universo; na convicção de que o mundo é um" (TODOROV, 1982, p. 101).

Provindo de uma Europa cristã, Las Casas utilizou-se de sua cultura como lente para interpretar o Novo Mundo que se apresentava, concluindo, ao final de sua argumentação na "Apologética história sumária", que as organizações sociais indígenas cumpriam os requisitos aristotélicos para uma "boa e ordenada república" e, em alguma medida, até mesmo superavam as culturas ocidentais em qualidade. Se empenhou em encontrar alguma aproximação entre o Velho Mundo da Europa pagã e o Novo Mundo da América politeísta e mesmo quando admite que alguns costumes como sacrifícios humanos se dão por influência "demoníaca", ressalta em seguida que esse fenômeno também teria se passado na Antiguidade clássica, alegando que o paganismo e os sacrifícios seriam atos universais e que, portanto, não deveriam legitimar a guerra justa:

> Não temos razão alguma para nos espantarmos com os defeitos ou costumes não civilizados e desregrados que podemos encontrar entre as nações indígenas, nem de desprezá-las por isso. Pois a maior parte das nações do mundo, senão todas, foram bem mais pervertidas, irracionais e depravadas, e deram mostra de muito menos prudência e sagacidade em sua maneira de se governarem e de exercer as virtudes morais. Nós mesmos fomos bem piores no tempo de nossos antepassados e em toda a extensão de nossa Espanha, tanto pela irracionalidade e a confusão dos modos quanto pelos vícios e costumes animalescos." (LAS CASAS apud TODOROV, 1982, p. 144)

A discussão sobre a humanidade e a inteligência dos indígenas foi sintomática da passagem de uma Europa relativamente isolada dos outros povos do mundo para uma que, na esteira da expansão ultramarina, se defrontava com culturas significativamente distintas da sua, de modo que "a expansão territorial significou a descoberta de sociedades complexas, organizadas de acordo com sistemas totalmente estranhos aos da Europa (BETHELL,1997, p. 5), mas a essa inicial estranheza logo seguem-se os contornos mais nítidos da intenção colonizadora etnocêntrica: "o ego moderno desapareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como o Outro, mas como o Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado." (DUSSEL, 1993, p. 36).

A crítica a esse aspecto discursivo não se deve à comparação que toma como referencial a Europa, que é a origem e, portanto, a referência natural[4] de comparação para os espanhóis: o etnocentrismo está na pretensão de universalidade que se utiliza das ideias europeias para legitimar outras existências culturais, as encobrindo, manifestando-se concretamente nos genocídios fundamentados nas concepções então correntes de que os indígenas seriam inferiores e, para muitos, até não-humanos. O embasamento teórico que Las Casas utiliza para rechaçar essas concepções,

[4] Laraia (2009, p. 35) esclarece que "a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas."



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

embora contrário à violência física, não deixa de também ser etnocêntrico em seu viés universalista. Segundo Las Casas (apud Hoyos, 2006, p. 9),

> Aquele vasto e novo mundo das Índias, concedido e confiado por Deus e sua Igreja aos reis de Castela para governar, converter e prosperar foi transformado, por uma diabólica cegueira e por uma tirania ainda mais diabólica, em um inferno para os índios, onde, com crueldade desumana e tormentos inauditos, são corrompidos e aniquilados em corpos e almas.

O eurocentrismo serviu de fundamento ideológico à conquista e foi materializado nas formas de extermínio empregadas contra os povos originários, processo que Las Casas se empenhou em denunciar em seu discurso de forma bastante gráfica e veemente.

4 ASPECTOS, OBJETIVOS E EFEITOS DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE LAS CASAS

O discurso lascasiano é construído em um contexto de tensão entre dois posicionamentos ideológicos opostos dos espanhóis acerca dos indígenas: admiração pela inocência e pela bondade ou desprezo violento pelas práticas culturais distintas, contradições presentes já no momento da chegada de Colombo à América.

> Ou ele [Colombo] pensa que os índios (apesar de não utilizar estes termos) são seres completamente humanos com os mesmos direitos que ele, e considera-os não somente iguais, mas idênticos e este comportamento desemboca no assimilacionismo, na projeção de seus próprios valores sobre os outros ou então parte da diferença, que é imediatamente traduzida em termos de superioridade e inferioridade. (TODOROV, 1982, p. 40).

Bartolomeu de Las Casas comprometeu-se em seus escritos a representar a figura pacífica do indígena com o propósito de desmistificar a barbaridade impregnada no imaginário europeu, preconceito alimentado pelos relatos de cronistas que alegavam que os nativos cometiam “atos satânicos” como sacrifícios humanos e idolatria, principais justificativas da guerra justa.

Schaden (1946, p. 275) argumenta que o etnocentrismo está ligado ao instinto de coincidência de espécie que promove a simpatia por grupos conhecidos (e o apego aos valores e às crenças elaborados e aceitos por eles) e a desconfiança em relação a grupos desconhecidos. Em raciocino similar, na narrativa lascasiana se apreende o esforço de representar a dinâmica da conquista pelo uso de figuras da Bíblia[5], elemento cultural extremamente caro à Espanha católica. O frei ainda intencionava enfraquecer a associação dos indígenas ao demônio pela estratégia da demonização do próprio espanhol cristão que perpetrava atrocidades contra os nativos. Assim narra um episódio da violência espanhola:

[5] Segundo Salustino (2019, p. 43), “Las Casas está fazendo com que seu leitor se conecte com o sofrimento de um semelhante – de sujeitos criados também por Deus”. Na descrição de um indígena, o dominicano diz que “tinha a impressão de ver nele nosso pai Adão, no tempo em que vivia no estado de inocência.” (Todorov, Op. cit. , p. 142).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

> Imediatamente [os espanhóis] cercam os [indígenas)] que dançam, dão um talho no que estava tocando; cortam seus dois braços. Depois o decapitam; longe vai cair sua cabeça cerceada. A um tempo todos [os espanhóis] esfaqueiam, lanceiam as pessoas e lhes dão talhos, com as espadas os ferem. (LAS CASAS, apud Dussel, 1993, p. 49)

Las Casas (apud HOYOS, 2006, p. 20) não podia representar as resistências indígenas sem arriscar desvirtuar a finalidade de sua obra, que era sensibilizar a Coroa espanhola para fazer cessar as hostilidades contra os nativos. Mas seu empenho em enfatizar a pacificidade foi tamanho que a opção por retratar desse modo o indígena viria a contribuir para a consolidação na historiografia sobre a colonização da América a imagem de povos subjugados e passivos, sem o mínimo protagonismo na conformação social, política e cultural da América Latina, senão como vítimas, de forma que "a imagem lascasiana de um povo servil impera vigorosa e inalterada até nossos dias, amarrada firmemente à ideia de uma história feita de cabo a rabo pelos conquistadores de antanho e de hoje" (BRUIT, 1993, p. 120).

O maniqueísmo do indígena pacífico e do espanhol algoz como recurso discursivo é tão presente que não deixa lacunas para a autocrítica em seu argumento de que a presença espanhola na América não deveria ser abandonada, e sim dar-se por outros modos, pacíficos e distintos do que então faziam os espanhóis – "O outro de Las Casas possuía os signos que ele mesmo carregava, mas não em suas ações. Todavia, quando os espanhóis se comportavam como tiranos, o narrador não os reconhecia como um dos seus, mas como um outro." (SALUSTINO, 2019, p. 44).

5 O DEBATE DE VALLADOLID: DUAS IDEOLOGIAS EM DISPUTA

As contradições entre barbaridade e pacificidade tiveram seu ápice no debate de Valladolid, organizado por autoridades da Corte espanhola para decidir se os indígenas eram ou não seres racionais e se era ou não legítima a guerra justa contra eles. Protagonizaram as discussões Ginés de Sepúlveda, que fundamentava seu apoio à guerra justa na "barbaridade"[6] dos povos nativos e Bartolomeu de Las Casas, que admitia a racionalidade dos indígenas e negava a legitimidade da guerra contra eles com base em elementos constitutivos de suas culturas, como a idolatria e os sacrifícios - na acepção de ideologia que apresenta Fernandes (2021, p. 19), estavam em disputa a visão de mundo dos que, inseridos em grupos sociais diretamente vinculados aos contatos com a recém-encontrada América, concebiam a inferioridade dos nativos; e a visão daqueles que, inseridos nesse mesmo contexto histórico e também próximos da realidade política espanhola, engajaram-se na denúncia das falhas da conquista.

[6] De acordo com Dussel op. cit. p. 58, uma definição de "bárbaros" conforme utilizada à época é oferecida pelo cronista espanhol José de Acosta, segundo quem bárbaros são "os que rejeitam a reta razão e o modo comum dos homens, e assim se comportam com rudeza bárbara, com selvagismo bárbaro". Segundo Bruit op. cit. p. 181 "os princípios básicos que regulavam a guerra eram: a injúria prévia por parte dos infiéis, a posse injusta de domínios e propriedades e quando os infiéis, com seus atos, atentavam contra a paz".



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Sepúlveda (apud LAS CASAS, 2003, p. 129) declarou os indígenas bárbaros por natureza e por costume, defendendo que fossem subjugados pelos espanhóis em razão de sua inferioridade, tendo como embasamento a tese aristotélica de primazia do perfeito sobre o imperfeito:

> Com perfeito direito, os espanhóis imperam sobre os bárbaros do Novo Mundo e ilhas adjacentes, porque em prudência, em gênio, virtude e humanidade, são tão inferiores aos espanhóis quanto as crianças aos adultos e as mulheres aos varões, existindo entre eles tanta diferença como a que existe entre as gentes feras e cruéis e as que têm clemência, prodigiosamente intemperantes aos que são sóbrios e moderados.

Las Casas (2003, p. 131), por sua vez, foi enfático ao atribuir aos próprios espanhóis a barbaridade, que para ele poderia se dar em quatro categorias: 1) pela violência das ações, 2) pela estranheza dos costumes, 3) pela ausência da escrita e 4) pelo idioma ininteligível. Argumentou que os espanhóis eram, pois, bárbaros às visões dos povos originários, não só porque falavam uma língua incompreensível aos nativos, como também porque praticavam atrocidades contra eles:

> Estas gentes das Índias, que nós estimamos como bárbaras, consideram-nos, também, bárbaros pois não nos entendem e lhes somos estranhos [...] mas podemos afirmar que eles, com reta razão, por ver em nós outros costumes estimam-nos não apenas como bárbaros da segunda categoria, que quer dizer estranhos, senão da primeira, isto é, ferocíssimos, duríssimos, aspérrimos e abomináveis.

Julgava, contudo, que os indígenas eram bárbaros da terceira categoria em razão de carecerem do exercício da escrita, mas asseverava que “não todos os bárbaros carecem de razão, nem são servos por natureza, nem podem ser pela razão de serem bárbaros, submetidos pela força, porque têm reinos e são livres” (LAS CASAS, 2003, p. 132).

Quanto à guerra justa, Las Casas (2003 p. 136) afirmava ilegítima pelo fato de os indígenas, não reconhecendo a fé cristã, não estarem sob as autoridades da Igreja e do rei espanhol, não estando, inicialmente, obrigados a afastar-se, de imediato, da religião de seus antepassados se não conhecem outra que seja melhor consentimento dos indígenas e a cristianização constituíam o fundamento sobre o qual se assentaria o domínio político da Espanha na América no projeto traçado pelo frei, mas, de início, não se concebia explicitamente que os povos ameríndios assimilassem o cristianismo às suas culturas, preservando seus modos de organização política, social e cultural.

> A conquista espiritual estava fundamentada em bases muito fracas e só podia substituir a antiga visão do mundo, mas sem assumir o antigo – como tinha acontecido com o cristianismo mediterrâneo durante os primeiros três séculos de sua existência, quando transformou por dentro o imaginário greco-romano, reconstituindo-o, dando como fruto maduro as cristandades: armênia, bizantina, copta, russa, latina etc. (DUSSEL, 1993, p. 62).

A aceitação voluntária da fé cristã precedia o momento em que o rei espanhol corrigiria os “vícios” dos governos americanos (LAS CASAS, apud BRUIT, 1993, p. 99), como o frei julgava os



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

sacrifícios e a idolatria, que, apesar de não servirem de justificativa para a guerra justa, ainda consistiam em defeitos em seu entendimento. A despeito dos pressupostos de igualdade da pessoa humana, ainda se privilegia em Las Casas o espaço europeu como referencial de virtude e o colonizador, representado na figura do rei espanhol, como encarregado da função civilizatória: "O rei cristão, cumprindo a missão evangelizadora, tiraria os indígenas da idolatria, reformaria algumas práticas que faziam defeituosas os governos americanos" (BRUIT, 1993, p. 99).

> Todos os reis e senhores naturais, cidades, comunidades e povos daquelas índias são obrigados a reconhecer os reis de Castela como universais e soberanos senhores e imperadores de forma dirá, depois de ter recebido, por sua própria e livre vontade, nossa fé e o sacro batismo e, se antes que o recebam, não o fazem e nem querem fazê-lo, não podem ser punidos por nenhum juiz ou justiça (LAS CASAS apud BRUIT, 1993, p. 96).

E reconhecia que não era isso o que se passava na América:

> Nenhum rei, senhor, povo ou pessoa privada ou particular de todo aquele mundo das Índias, desde o primeiro dia de sua descoberta até o dia de hoje reconheceu nem aceitou de maneira verdadeira, livre e jurídica a nossos ínclitos reis da Espanha como senhores e superiores, nem aos delegados, caudilhos ou capitães enviados ao nome do rei, e a obediência que até lhes têm prestado e agora prestam é e sempre foi involuntária e coagida […] (BRUIT, 1993, p. 100).

O frei ainda defendeu a origem popular do poder real, afirmando que o rei deveria estar a serviço do povo, atuando como seu administrador no amparo das leis. Qualquer poder político que não tivesse a vontade popular era tirânico, motivo porque denomina "tiranos" os conquistadores espanhóis em seus textos, sem, no entanto, os citar nominalmente: "[...] no ano de 1526, outro infeliz foi nomeado governador do reino de Yucatán pelas mentiras e falsidades que contou e pelas ofertas que fez ao rei como os outros tiranos fizeram até agora para obter cargos com os quais podem roubar [...]" (LAS CASAS apud HOYOS, 2006, p. 118).

O debate de Valladolid expressou a comunicação como uma questão emblemática da colonização. Os espanhóis falam sobre o outro, descrevendo e qualificando as culturas e a racionalidade indígenas, sem jamais falar ao outro, buscando compreendê-los e entender as suas vontades e opiniões sobre o que se passava em seus territórios, reproduzindo o que faziam na América, onde se dirigiam aos indígenas somente para forjar estratégias políticas, como no caso de Hernán Cortés[7]; para declarar o Requerimento[8] ou para propósitos de cristianização, como o faz Las Casas –

[7] Para Todorov Op. cit. P. 151, "Cortez compreende relativamente bem o mundo asteca que se descobre diante de seus olhos [...] E, contudo, essa compreensão superior não impede os conquistadores de destruir a civilização e a sociedade mexicanas; muito pelo contrário, tem-se a impressão de que é justamente graças a ela que a destruição se torna possível".

[8] O Requerimento era uma declaração feita pelos espanhóis antes de uma batalha em que exigiam aos nativos a aceitação da fé cristã: "...reconheçais a Igreja como senhora e superiora do Universo e sua Majestade como superior e senhor e rei das ilhas e terra firme...se não o fizerdes, certificai-vos que com a ajuda de Deus irei poderosamente contra vós e vos farei guerra por todas as partes e maneiras que puder..." (Dussel Op. cit. P. 59).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

as três situações têm como fundo o intuito de passar aos povos originários os costumes espanhóis em um esforço injustificado, porque é entendido natural. Os espanhóis assumem que

> [...] têm o direito de impor aos outros o que consideram um bem, sem se preocuparem em saber se é também um bem do ponto de vista deles. Esse postulado implica, portanto, uma projeção do sujeito enunciante sobre o universo, uma identificação entre seus valores e os valores universais (TODOROV, 1982, p. 134).

Todorov (1982, p. 121) argumenta que o obstáculo da comunicação - na recusa inconsciente ou inconsciente de tentar falar diretamente aos indígenas sem a pretensão de impor um projeto próprio- marca a imbricação entre igualdade e desigualdade, em uma dinâmica mais complexa do que os maniqueísmos de Sepúlveda e Las Casas (negativo para os indígenas no primeiro caso e positivo no segundo) sugerem em um primeiro momento.

A descrição de Sepúlveda se faz por ausência (de dinheiro, roupas e fé cristã) e afastamento (desigualdade); a de Las Casas é feita por aproximação e identificação, pressuposta a igualdade de aptidão dos seres humanos para receberem o cristianismo (TODOROV, 1982, p. 139). Nota-se que o engajamento se dá mais pelo impulso evangelizador do que pelo senso humanitário puro, prevalecendo a noção etnocêntrica de que o Deus cristão é o único verdadeiro e, por isso, melhor e superior.

Antes de dialogar propriamente com os indígenas, Las Casas atribui a eles a disposição implícita de aceitar o Evangelho, baseado unicamente em suas personalidades dóceis e pacíficas; indiretamente dispensa o consentimento que dizia necessário, pois já identifica de antemão que “a religião cristã, que é o caminho universal, foi dada pela misericórdia divina a todos os povos, para que abandonem os caminhos e as seitas da infidelidade” (LAS CASAS, apud TODOROV, p. 141).

Dúvidas quanto aos verdadeiros motivos de Las Casas para a defesa dos indígenas (se é motivada mais pela intenção da cristianização ou pelo senso humanitário) se fortalecem à vista de sua visão sobre os muçulmanos:

> Las Casas nunca demonstra a mínima ternura em relação aos muçulmanos, sem dúvida porque não podem ser assimilados a cristãos que não tem consciência de sê-lo; e, quando demonstra em sua Apologia, que é ilegítimo tratar os índios de “bárbaros” simplesmente porque são outros, diferentes, não se esquece de condenar “os turcos e os mouros, a verdadeira escória barbara das nações”” (TODOROV, 1982p. 143).

E sobre os negros[9]:

> [...] sabemos que, em 1544, ainda possuía um escravo negro (tinha renunciado a seus índios em 1514), e ainda se encontram em sua “História” expressões do gênero: “É uma cegueira incrível a das pessoas que vieram a estas terras e trataram seus habitantes como se fossem africanos” (TODOROV, 1982 p. 144).

[9] “Não seria porque a sua generosidade baseia-se no espírito de assimilação, na afirmação de que o outro é como eu e essa afirmação seria esquisita demais no caso dos negros?” (Todorov, op. cit p. 144). Posteriormente, Las Casas muda seu entendimento sobre os negros, afirmando-os tão merecedores de tratamento digno quanto os indígenas (Hoyos, op. cit. p. 27).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

A descrição lascasiana, apesar de ser singular para a época ao atribuir valores positivos aos indígenas, é sempre autorreferida na doutrina cristã europeia, de modo que a suposição de igualdade, à primeira vista um caminho para a superação do etnocentrismo, se torna um obstáculo e um reforço da superioridade, porque encobre a cultura (e os pensamentos) do outro, projetando nele a concepção própria do ideal, de forma que, segundo Todorov (1982, p. 160), "o retrato dos indígenas que se pode extrair das obras de Las Casas é claramente mais pobre do que o deixado por Sepúlveda: na verdade, acerca dos indígenas não se aprende nada."

Fala-se somente o que se considera relevante sobre o outro (se é ou não bárbaro, se é ou não racional, se é ou não apto a receber a religião cristã) sem dialogar com o outro sobre o que passa em seus territórios: a colonização não é discutida em Valladolid porque é assumida natural, o que se procura é um entendimento acerca do modo como ela deve ser dar, pelas armas, como fizeram os denominados conquistadores ou pela paz, como propunha Las Casas e em nenhum momento é incentivada a participação dos nativos no debate. O frei se mostra contra o uso da palavra "conquista" para designar a incursão espanhola na América, entendendo que seu uso autorizava o emprego indiscriminado da força contra os nativos - tão somente extirpa a ideologia escravista da conquista, mas de forma alguma abandona a ideologia colonialista do projeto espanhol na América (TODOROV, 1982, p. 175).

6 A "SOCIEDADE ÀS AVESSAS" E O ABANDONO DA COLONIZAÇÃO

Las Casas entendia que a colonização baseada na violência e não no consentimento dos nativos daria forma a uma sociedade "às avessas" marcada pela ingovernabilidade, pela corrupção e pela indisciplina dos espanhóis.

A resistência sup-reptícia dos nativos foi decisiva na deformação das novas sociedades que surgiam na América espanhola[10]. Traumatizados pela conquista, os indígenas se valeram do silêncio e da incompreensão dos espanhóis para engendrar uma resistência sutil, mas que não passou despercebida a Las Casas que, todavia, optou por omiti-la em seus escritos para centralizar a violência de que eram vítimas os povos originários.

O eurocentrismo tornou-se, enfim, um obstáculo para a própria concretização do projeto espanhol na América na medida em que os colonos, menosprezando o conhecimento das culturas e das línguas indígenas, foram alvos fáceis da simulação dos vencidos que se recusavam a ser subsumidos naquele mundo novo que se descortinava trespassado pela violência.

De acordo com Bruit (1993, p. 192),

[10] A resistência sub-reptícia incluiu ações em que os indígenas "ocultaram nas rugas dos novos hábitos impostos, nos resquícios das leis alheias e nas ambiguidades das ideias cristãs a sua própria forma de ser e sentir (RIVERA apud BRUIT, 1993, p. 192).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

> foram poucos os espanhóis que chegaram a um entendimento razoável dos idiomas e das tradições americanas, não podendo sequer vislumbrar a atitude simuladora dos indígenas. A maioria conviveu com a desconfiança sem poder identificar com clareza a derradeira intenção dos subordinados e preferiu se convencer de que os nativos eram mentirosos e faziam coisas que não se entendiam.

Ainda, segundo Bruit (1993, p. 180), "a conquista gerou uma sociedade que os historiadores chamam de hispano-indígena e o nome não poderia ser mais significativo, pois evidencia a disjunção que marcou seu nascimento". Conforme os eventos da colonização se estendiam mais violentos, a argumentação de Las Casas posteriormente evoluiu para o perspectivismo religioso, segundo o qual todos os indivíduos, tendo um conhecimento intuitivo do deus cristão, agem à sua maneira para adorá-lo, sendo a prova máxima de sua adoração o oferecimento da vida humana em sacrifício:

> É a própria natureza que instrui e ensina aos que não tem fé, a graça, ou a doutrina, aos que vivem guiados unicamente pela luz natural e que, a despeito de qualquer lei positiva que estabeleça o contrário, que devem sacrificar vítimas humanas ao verdadeiro Deus ou ao falso deus que creem ser o verdadeiro, de modo que oferecendo-lhe uma coisa sumamente preciosa possam expressar sua gratidão pelos múltiplos favores que receberam. (LAS CASAS apud TODOROV,1982, p. 160).

Posteriormente, deixa de privilegiar a fé cristã como único caminho ao deus cristão, admitindo que cada povo, a partir de seus próprios valores, expressa sua religiosidade pelo(s) deus(es) em que acredita.

> A igualdade já não é estabelecida à custa da identidade, não se trata de um valor absoluto: cada um tem o direito de se aproximar de deus pelo caminho que lhe convier. Não há mais um verdadeiro Deus (o nosso), mas uma coexistência de universos possíveis (TODOROV, 1982 p. 161).

Mais tarde em sua vida, Las Casas renuncia a todo e qualquer projeto colonizador na América, sugerindo à Coroa espanhola que liberte os nativos pela guerra contra os espanhóis e que confie aos indígenas a decisão sobre seus próprios destinos:

> Os reis de Castela, por preceito divino, devem aplicar, inclusive pela guerra, se não puderem fazê-lo pacificamente, e ainda que tivessem de arriscar todos os bens temporais que possuem nas Índias, e livrar os índios do poder diabólico ao qual estão submetidos, devolver-lhes a liberdade original e restabelecer em suas soberanias todos os reis e senhores naturais (LAS CASAS apud BRUIT, 2003, p. 164)

A sociedade às avessas vislumbrada por Las Casas antecipa elementos constitutivos do sistema-mundo conforme conceitua Grosfoguel (2008, p. 390), ou seja, o atual sistema-mundo como um todo histórico-estrutural heterogêneo dotado de uma matriz de poder específica a que chamamos "matriz de poder colonial". Ele que é não apenas capitalista, como também cristão, heterossexual, patriarcal e europeu, tendo como fundamentos as distinções étnico-raciais que privilegiam os europeus relativamente aos não europeus, constituindo uma divisão internacional do trabalho em que o centro enriquece às expensas da periferia, funcionando a partir de hierarquias (étnico-racial, sexual, de



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

gênero, espiritual, epistêmica e linguística) que resistiram ao fim da dominação político-jurídica das colônias por suas metrópoles: encerrado o processo do colonialismo, permaneceu a colonialidade, que subjuga formas de existências tal como fora nos primeiros contatos de Colombo e que evoluiu e se articulou em diferentes ideologias ainda impregnadas do eurocentrismo de pretensão universalista.

> Nesses países, ao começar a Independência, principalmente aqueles que foram demográfica e territorialmente extensos em princípios do século XIX, aproximadamente um pouco mais de 90% do total da população era de negros, índios e mestiços. Contudo, em todos estes países, durante o processo de organização dos novos Estados, a tais raças foi negada toda possível participação nas decisões sobre a organização social e política. A pequena minoria branca que assumiu o controle desses Estados viu-se inclusive com a vantagem de estar livre das restrições da legislação da Coroa Espanhola... (QUIJANO, 2005, p. 10).

A constituição de uma sociedade calcada na violência em que indígenas e negros são subsumidos, mesmo após a independência política, se faz presente em sociedades coloniais em que os interesses das minorias brancas dirigentes é identificado como correspondente aos interesses da burguesia europeia, de forma que não se encontra correspondência em interesses comuns passíveis de edificar um Estado-nação genuíno, pois

> A construção da nação e sobretudo do Estado-nação foram conceitualizadas e trabalhadas contra a maioria da população, neste caso representada pelos índios, negros e mestiços. A colonialidade do poder ainda exerce seu domínio, na maior parte da América Latina, contra a democracia, a cidadania, a nação e o Estado-nação moderno (QUIJANO, 2005, p. 19).

É pela ênfase com que Bartolomeu de Las Casas denuncia a violência colonizadora que suas ideias persistem como substrato fértil para a discussão do eurocentrismo que ele próprio não deixou de incorporar em seus escritos ao centralizar a religião cristã frente às indígenas e ao propor, durante longo tempo, a mera substituição dos meios do projeto colonizador, noções que não devem ser ocultadas pela veemência de seu discurso caso se objetive apreender uma visão crítica dos primórdios da colonialidade na América.

7 CONSIDERAÇÕES

Este artigo analisou o eurocentrismo presente na atuação de Bartolomeu de Las Casas durante os primeiros anos da colonização da América, utilizando sua biografia e escritos como base. Embora Las Casas tenha dedicado grande parte de sua vida à defesa dos indígenas, sua visão estava frequentemente limitada pela sua própria pretensão cristianizadora. A pesquisa revelou que, apesar de seu engajamento humanitário, o eurocentrismo ainda permeava suas ações, como evidenciado pelo uso de recursos para demonizar os conquistadores e retratar os nativos de maneira mais amena do que muitos de seus contemporâneos, que os viam como "bárbaros."

A análise das evidências concretas, como suas denúncias contra as violências dos conquistadores e o projeto de colonização pacífica na Venezuela, mostrou que o eurocentrismo de Las



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Casas estava mais ligado ao contexto social e histórico da Espanha do que à sua ocupação religiosa. Suas críticas às atrocidades cometidas pelos espanhóis e suas propostas de colonização pacífica, embora inovadoras, não eliminaram seu eurocentrismo, especialmente quando afirmava a inferioridade dos deuses indígenas e a necessidade de uma colonização cristã.

O confronto das perspectivas de Las Casas com as de seus contemporâneos, como Cristóvão Colombo e Hernán Cortés, revelou tanto aproximações quanto distanciamentos das visões eurocêntricas predominantes na Espanha do século XVI. Enquanto Las Casas rejeitava a ideia de que os indígenas eram bárbaros e desenvolvia uma teoria política baseada em consenso e ações pacíficas, seu discurso ainda refletia traços de eurocentrismo ao sugerir a substituição do trabalho compulsório indígena por escravidão negra e ao focar na cristianização como solução.

Por fim, o artigo destacou a relevância crítica da obra de Las Casas na discussão do eurocentrismo na colonização espanhola. Embora suas intenções fossem humanitárias, sua abordagem ainda estava enraizada em uma visão eurocêntrica, o que se alinha às hierarquias culturais e raciais persistentes no século XXI. Este estudo busca oferecer uma visão mais crítica da figura de Las Casas, evidenciando as complexidades e contradições de seu discurso e sua influência na historiografia colonial.

REFERÊNCIAS

BETHELL, Leslie (Org.). **A Igreja e a Conquista: A Igreja Católica e a colonização na América Espanhola**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BRUIT, Hector Hernan. **Bartolome de las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América**. 1993. Tese de Doutorado. [sn].

DUSSEL, Enrique. **1942 - A origem do mito da modernidade: o encobrimento do outro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LARAIA, Ricardo. **Antropologia Cultural: Uma Introdução**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

LAS CASAS, Bartolomeu de. **Apologética História Sumária**. Edição preparada por Edmundo O'Gorman com um estudo preliminar, apêndices e um índice de conteúdo. Volume 1. México: Universidade Nacional Autônoma do México, 1969.

LAS CASAS, Bartolomeu de. **Brevísima relación de la destrucción de las Indias**. Introdução, prólogo e notas de Gustavo Adolfo Zuluaga Hoyos. Bogotá: Editorial Norma, 2006.

MOREIRA, Walter. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Ângulo**, v. 1, n. 1, 2004.

PIDAL, Ramón Menéndez. **Observações críticas sobre a biografia de frei Bartolomeu de Las Casas**. Edição digital das Atas do Primeiro Congresso da Associação Internacional de Hispanistas, Oxford. The Dolphin Book, 1964. p. 13-24.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, 2005.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SALUSTINO, Felipe Henrique Cadó. **Bartolomé de Las Casas: uma brevíssima narrativa da natureza, dos sujeitos e dos espaços do novo mundo**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SCHADEN, Egon. Notas sobre etnocentrismo. **Sociologia: Revista Didática e Científica**, v. 8, n. 1, p. 270-281, 1946.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.